

As Parábolas de Jesus

Παραβολας



<http://geocities.yahoo.com.br/textosgna/Parabolas>

Índice

Definição - O que é uma Parábola ?	2
Por que Jesus falou por Parábolas?	3
<i>Onde se encontram as parábolas no NT</i>	5
Provérbio, Alegoria e Parábolas	6
As figuras de linguagem	9
• Figuras de Linguagem:	
• símile,	
• alegorias,	
• metáforas.	
O Reino de Deus	10
Interpretando algumas Parábolas	12
• Critérios de interpretação	
• Critérios de interpretação II	
Encontrando nosso caminho através das parábolas	13

O QUE É UMA PARÁBOLA ?



Definições

No decorrer do tempo que durou o ministério de Jesus, ele usou várias formas de ensino para fazer o homem entender a boa nova da salvação. Entre esses métodos de ensino encontramos belíssimos **sermões**, como o do monte, (Mateus 5,6 e 7), **milagres**, que são sinais de verdades transcendentais como a ressurreição de Lázaro, e **parábolas**.

O ensino por parábolas era empregado por rabis e está registrado no Talmude e outros livros orientais. É uma forma didática de expressão usada no discurso. Segue abaixo algumas definições:

1. Parábola - do Lat. *parabola* < Gr. *parabolé*, comparação. Alegoria que encerra doutrina moral.

<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx> (dicionário on-line)

2. Esta palavra (parábola) pode significar, na linguagem comum do judaísmo pós-bíblico, sem que se recorra a uma classificação formal, formas figurativas de linguagem de todos os tipos: parábola, símile, alegoria, fábula, provérbio, revelação apocalíptica, enigma, símbolo, pseudônimo, pessoa fictícia, exemplo, tema, argumento, apologia, refutação, anedota (Jeremias, Parables, 20).

3. Parábola vem do grego *para* ("ao lado" ou "junto a") e *ballein* ("lançar"). Assim, a história é lançada com a verdade para ilustrá-la. Os ouvintes e leitores, ao perceber a comparação ou analogia entre a história e a situação em que se encontram, são estimulados a pensar. Antes de interpretar uma parábola, pergunta-se: Qual é o objetivo da história? Que verdade espiritual está sendo ilustrada? Que analogia está sendo feita? (Roy B. Zuck, A interpretação bíblica, Vida Nova)

4. As parábolas de Jesus são uma forma concreta de dramática de linguagem teológica que força o ouvinte a reagir. Elas revelam a natureza do reino de Deus e/ou indicam como um filho do reino deve agir. (Kenneth Bailey, As Parábolas de Lucas, Vida Nova)

Bem difícil é marcar os limites que separam as parábolas, alegorias, símiles e metáforas; tão tênue é este limite, que as várias listas de parábolas das Escrituras, apresentadas por vários autores, nem sempre coincidem. Algumas relações trazem narrativas que por outras são excluídas como pertencentes ao rol de alegorias ou dos símiles ou das metáforas.

A metáfora e o símile são bem curtos e não contém em si interpretação alguma. Já a alegoria é uma metáfora expandida e contém interpretação dentro de si mesma.

A metáfora é uma figura de linguagem (estilo) em que se substitui uma palavra por outra, análoga, com sentido semelhante mas que tem maior força de expressão. Ex.: "Eu sou a porta" (Jo 10.9). há aqui uma analogia de função: como se entra pela porta, assim se ingressa no céu. "Vós sois a luz do mundo" (Mat 5.14) – como brilha a luz, brilha o crente também.

O símile indica semelhança quase perfeita, mas não tem o termo de comparação que há na metáfora. Ex.: "Foi subindo como Renovo" (Is 53.2); "Foi levado como ovelha para o matadouro, e como está mudo o cordeiro do que o tosquia, assim não abriu a sua boca" (At 8.32, citando Is. 53.7-8) ou "Eu sou o bom pastor, o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas" (Jo 10.11).

Além de fazer referências a histórias, a palavra grega *parabole* também diz respeito a afirmações curtas (às vezes chamadas de **similitudes**) e a provérbios. As similitudes geralmente falam de costumes no tempo presente, ao passo que as parábolas falam de determinado momento no passado (e.g., "...o fazendeiro saiu a semear", Mt 13.3).

Onde se encontram as parábolas?

Há pelo menos seis tipos diferentes de formato em que as parábolas de Jesus funcionam. Esses seis tipos são:

1. Parábola em diálogo teológico. (Jesus e o jovem rico em Luc 18.18-30)
2. Parábola em um evento narrativo. (O banquete na casa de Simão em Luc 7.36-50)

3. Parábola em uma história de milagre. (A mulher que tinha um espírito de enfermidade Luc 13.10-17)
4. Parábola em uma coleção topical. (Sobre a Oração em Luc 11.1-13)
5. Parábola em um poema. (três parábolas em 11.9-13)
6. Parábola sozinha. (Luc 17.1-10)

Por quê estudar as parábolas ?

- A aplicação das parábolas dão diretriz de conduta;
- Proféticas: revelam mistérios;
- Doutrinárias, no sentido em que reafirmam e exemplificam os ensinamentos da escritura

Do que tratam as parábolas?

Natureza e organização do Reino. Todas as parábolas proferidas por Jesus falam direta ou indiretamente sobre o **Reino de Deus** entender o que é o reino nos ajudará a interpretar corretamente cada uma das parábolas, qual a diferença entre Reino de Deus ou reino dos céus nos evangelhos ?

Conduta do homem em relação ao Reino. As parábolas de Jesus nos ensinam também como devem proceder os filhos do reino, atitudes como misericórdia, fé, perseverança e arrependimento são alguns dos aspectos de conduta dos cidadãos do reino.

Coisas futuras. Jesus revelou muitas coisas sobre escatologia, o estudo das últimas coisas, o crescimento do reino na história humana, o mal estará presente no mundo até a época da volta de Cristo e muitas outras informações.

Por que Jesus falava por parábolas ?

Quando os discípulos perguntaram a Jesus por que falava com as pessoas por meio de parábolas (Mt 13.10; Mc 4.10), ele disse que tinha duas finalidades. Uma era revelar verdades a seus seguidores, e outra, ocultar a verdade "aos de fora" (Mc 4.11). embora talvez pareçam objetivos contraditórios, a resposta a esse dilema deve residir no caráter dos ouvintes.

Como os doutores da lei (3.22) já haviam expressado sua incredulidade e rejeitado Jesus, eles revelaram o endurecimento de seus corações. Assim, não tinham condições de compreender o significado das parábolas do Senhor. Cegados pela incredulidade, rejeitaram-no; então, quando ele falava por parábolas, os escribas geralmente não captavam o sentido. Por outro lado, os seguidores do Senhor, que estavam abertos para ele e para suas verdades, compreendiam-nas.

As parábolas eram um meio de comunicação eficaz, pois, devido a seu formato de história, logo despertavam o interesse dos ouvintes. Quando o povo ouvia as histórias de Jesus, todas as quais eram baseadas na realidade, imediatamente mergulhavam nelas junto com Cristo. A curiosidade era aguçada pelo desejo de saber como a história evoluiria e terminaria.

As parábolas estimulavam a reflexão das pessoas. Com suas analogias, Jesus queria que os ouvintes "avaliassem situações que lhes eram bem familiares e fossem levados a aplicar esse julgamento a fatos cujo significado não estavam enxergando. Jesus não narrava as parábolas apenas para entreter o público com histórias. Ele as contava de forma que as pessoas visadas as "aplicassem a si, ainda que com ressentimento ou relutância". Assim, suas parábolas quase sempre deixavam as pessoas desarmadas.

Que fatores caracterizavam as parábolas de Jesus?

As parábolas de Jesus prendiam a atenção por falarem de aspectos comuns do cotidiano.

Comércio: pescador, construtor, mercador, dinheiro, juros, dívidas, tesouro, patrão, senhor, servos, credor, coletor de impostos, viajante, pérola, administrador.

Agricultura e Pecuária: fazendeiro, pastor, ovelhas, solo, sementes, árvores, pássaros, espinhos, colheita, chiqueiro, vinha, viticultores, torre de observação, celeiros e figueiras.

Dentre os **aspectos domésticos** que Jesus citou figuram: casas, cozinhar (fermento e comida), costurar, moedas, varrer, dormir, comer, crianças brincando, viúva, odres, porteiro.

Ele também fez menção a **eventos sociais** nas parábolas, dos quais um casamento, um banquete, damas de honra, pai e filho, um amigo que chega à meia-noite, um anfitrião e convidados. Dentre os elementos **religiosos**, temos: um sacerdote, um levita, um samaritano e um fariseu; e dentre os **civis**, juiz, rei e guerra.

As parábolas de Jesus continuam suspense, tramas simples, contrastes fortes e em certos casos, exageros. O leitor fica em suspense imaginando o que o senhor misericordioso fará com o servo inclemente (Mt 18.21-35). Que acontecerá aos arrendatários que mataram os servos e o filho do fazendeiro? (Mt 21.33-46).

Repare em quantas vezes duas pessoas são comparadas a um único indivíduo, como no caso dos dois servos que investiram as minas e do servo que não aplicou nenhuma; o credor compassivo em relação aos dois devedores sem condições de saldar a dívida, e os dois viajantes e o bom samaritano.

Muitas parábolas contêm **três personagens** principais ou grupos de personagens: O credor incompassivo (Mt 18.23-35) – o rei, o servo perdoado, o servo não perdoado. Os dois filhos (Mt 21.28-32) – o homem, o primeiro filho, o segundo filho.

Existe uma infinidade de **conflitos** nestas parábolas. Entre eles, citamos os homens que trabalharam uma hora e os que trabalharam o dia inteiro (Mt 20.1-16), as virgens prudentes que se recusaram a fornecer azeite às tolas (25.1-13), o homem insistente em conflito com o amigo que já tinha deitado (Lc 11.5-8).

Às vezes as parábolas apresentam **desfechos insólitos**. Fica surpreso quem lê que um indivíduo que trabalhou duas horas recebesse o mesmo salário daqueles que trabalharam o dia todo (Mt 20.1-16). O efeito de certas parábolas aumenta com a surpresa que provocam ao se desviarem do que seria normal esperar.

há também a “**ênfase final**”, em que o último elemento da parábola é o mais importante. Na parábola do semeador o solo fértil é mencionado por último. O último servo que não investiu sua mina, foi julgado com rigor; o último viajante na parábola do bom samaritano foi generoso e os que foram convidados por último para o banquete aceitaram o convite.

Outra característica interessante das parábolas de Jesus é o **discurso direto**, ou seja, ele falava o que os personagens realmente diziam. Associado a isso está o discurso chamado solilóquio, em que a personagem fala consigo mesma, assim revelando aos ouvintes e leitores seus pensamentos, planos e preocupações. Talvez o monólogo mais famoso das parábolas seja o filho pródigo em Luc 15.17-19. Depois de ouvir as insistentes súplicas da viúva, o juiz disse consigo mesmo: “... como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me” (Luc 18.5).

Existe mais outro aspecto literário das parábolas, que é a ocorrência da **perguntas retóricas**. Elas estimulam os leitores a responder mentalmente aos desafios propostos por Jesus. Por exemplo, o Senhor perguntou: “Qual, dentre vós, é o homem que, possuindo cem ovelhas e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e vai em busca da que se perdeu, até encontrá-la?” (Luc 15.8).

Em outras ocasiões, ele fez perguntas às quais queria que os ouvintes respondessem. Depois de falar a Simão Pedro sobre os dois devedores, perguntou-lhe: “Qual deles, portanto, o amará mais?” (Luc 7.42). Todos esses aspectos das parábolas demonstram o impacto incomum que as histórias de Jesus devem ter provocado nos que a ouviram.

<i>Onde se encontram as parábolas no NT</i>		Conteúdo				
1 - Natureza e organização do reino.						
2 - Conduta do homem em relação ao reino						
3 - Coisas futuras (Escaton)						
	Parábola	Mateus	Marcos	Lucas	João	Conteúdo
1 -	A lâmpada debaixo da cama	5:14-15	4:21-22	8:16;11:33		
2 -	O prudente e o Insensato	7:24-27		6:47-49		
3 -	Um vestido remendado	09:16	02:21	5:37-38		
4 -	O cisco e a trave			6:37-43		
5 -	Os meninos na praça	11:16-19		7:31-35		
6 -	Os dois devedores			7:41-43		2
7 -	O bom samaritano			10:30-37		2
8 -	O amigo importuno			11:5-13		2
9 -	O espírito imundo	12:43-45		11:24-26		
10 -	O Semeador	13:3-8;18-23	4:2-8;14-20	8:5-8,11-15		1
11 -	O trigo e o joio (a discórdia)	13:24-30,36-43				1
12 -	O rico insensato			12:16-21		2
13 -	A figueira estéril			13:6-9		3
14 -	A semente que cresce		4:26-29			1
15 -	O grão de mostarda	13:31-32	4:30-32	13:18-19		1
16 -	A porta estreita	7:13-14		13:24-30		
17 -	O fermento	13:33		13:20-21		1
18 -	O tesouro escondido	13:44				1
19 -	A pérola	13:45-46				1
20 -	A rede	13:47-50				1, 3
21 -	Os convidados			14:7-11		
22 -	O grande banquete			14:16-23		
23 -	O pai de família	13:52				
24 -	A overlha perdida	18:10-14		15:3-7		1
25 -	A dracma perdida			15:8-10		1
26 -	O servo (credor) incompassivo	18:23-35				2
27 -	Os vinhateiros	20:1-16				1
28 -	Os dois filhos	21:28-32				2
29 -	Os lavradores maus	21:33-45	12:1-12	20:9-18		3
30 -	O banquete das bodas	22:1-14		14:15-33		3
31 -	A figueira	24:32-34				3
32 -	O servo fiel e prudente	24:45-51		12:35-48		3
33 -	As 10 virgens	25:1-13				3
34 -	Os edificadores da torre			14:28-30		2
35 -	O rei vai à guerra			14:31-33		2
36 -	O filho pródigo			15:11-32		1, 2
37 -	O mordomo infiel			16:1-13		2
38 -	O rico e Lázaro			16:19-31		3
39 -	O servo inútil			17:7-10		2
40 -	O juiz iníquo			18:1-8		2
41 -	O fariseu e o publicano			18:10-14		2
42 -	Os talentos	25:14-30		19:11-27		3
43 -	Os bodes e as ovelhas	25:31-46				3

Provérbio, Alegoria e Parábolas



Provérbio – uma máxima expressa em poucas palavras. No Novo Testamento, a palavra *parabole* é usada uma vez com o sentido de provérbio. Isso acontece em Luc 4.23 (“... médico, cura-te a ti mesmo ...”); a palavra grega realmente é traduzida por “provérbio”. Podemos ver no quadro abaixo outros provérbios que Jesus falou:

Declarações:

- “... Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte” (Mt 5.14).
- “... Ninguém pode servir a dois senhores ...” (Mt 6.24)
- “... Os sãoos não precisam de médico, e, sim, os doentes” (Mt 9.12).
- “... Não há profeta sem honra senão na sua terra e na sua casa” (Mt 13.57)
- “... Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no buraco” (Mt 15.14)
- “... O discípulo não está acima do seu mestre ...” (Luc 6.40)
- “... digno é o trabalhador do seu salário ...” (Lc 10.7)
- “... Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés ...” (Jo 13.10)
- “... o servo não é maior que seu senhor ...” (Jo 13.16)
- “... Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres” (Mt 24.28)

Perguntas:

- “Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?” (Mt 5.13)
- “... Vem, porventura, a candeia para ser posta debaixo do alqueire, ou da cama ?...” (Mc 4.21)

Ordem:

- “... médico, cura-te a ti mesmo ...” (Lc 4.23)

Alegoria – é uma narrativa ou expressão que pode ou não ser verdadeira e contém muitos aspectos que simbolizam de realidades espirituais. Geralmente a parábola possui um só elemento principal de comparação, ao passo que a alegoria contém vários.

Parábola	Alegoria
Contém um elemento principal de comparação	Contém muitos elementos de comparação
Corresponde à realidade	Pode ter fundo real ou fictício
A interpretação, se houver, vem logo após a história (ou às vezes no início)	As interpretações estão entremeadas na história
É um símile ampliado	É uma metáfora ampliada

Algumas alegorias da bíblia

Slm 23.1	O Senhor é pastor do crente
Slm 80.8-16	Israel é uma vinha destruída
Prov 9.1-6	A sabedoria é como uma dona de casa
Gál 4.21-31	Hagar e Sara são duas alianças
Efé 6.11-17	A defesa espiritual do cristão representada como uma armadura

Parábola – A parábola consiste no registro de um acontecimento factível, enquanto a alegoria pode ser tanto factível quanto fictícia. Nem todas as parábolas contêm uma interpretação explícita, mas, se contiverem, esta normalmente se encontrará no fim da história. Já numa alegoria, as interpretações das alegorias ocorrem ao longo da história.

As figuras de linguagem¹

QUE É UMA FIGURA DE LINGUAGEM ?

As regras gramaticais determinam a função habitual das palavras. Em alguns casos, porém, o orador põe essas regras de lado intencionalmente a fim de empregar novas formas, as quais chamamos figuras de linguagem. Uma figura de linguagem é meramente uma palavra ou frase colocada de forma diferente de seu emprego ou sentido original e simples. Quando dizemos: “está chovendo forte”, trata-se de uma afirmação normal, direta. Mas se dissermos: “Está chovendo canivetes”, estaremos dizendo a mesma coisa, só que de uma maneira diferente, mais ilustrativa. Ou quando falamos: “A chaleira está fervendo”, queremos dizer que é a água que está fervendo, não a chaleira.

POR QUE SE UTILIZAM FIGURAS DE LINGUAGEM?

✓ **As figuras de linguagem acrescentam cor e vida**

“O SENHOR é a minha rocha” (Slm 18.2) é uma forma colorida e viva de dizer que eu posso depender do Senhor, pois ele é forte e inabalável.

✓ **As figuras de linguagem chamam a atenção**

O interesse do ouvinte ou do leitor desperta rapidamente quando ele se depara com a singularidade das figuras de linguagem. Isso é nítido, por exemplo, na advertência de Paulo, “Acautelai-vos dos cães ...” (Fil 3.2), ou na afirmação de Tiago, “... a língua é fogo ...” (Tg 3.6). Quando se faz uma comparação entre duas coisas que em condições normais não se assemelham nem são compatíveis, a reação é de surpresa. Os símiles e as metáforas, por exemplo, costumam ter esse caráter inesperado.

✓ **As figuras de linguagem tornam os conceitos abstratos ou intelectuais mais concretos**

A frase “por baixo de ti estende os braços eternos” (Dt 33.27) certamente transmite uma idéia mais concreta do que a afirmação: “O Senhor cuidará de ti e te susterá”.

✓ **As figuras de linguagem ficam mais bem registradas na memória**

A afirmação de Oséias “Como vaca rebelde se rebelou Israel ...” (Os 4.16) é mais fácil de lembrar do que se ele tivesse escrito: “Israel é extremamente teimoso”. Os escribas e os fariseus dificilmente esqueceriam as palavras de Jesus: “... sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos mortos, e de toda imundícia” (Mt 23.27). As figuras de linguagem são usadas em muitos idiomas pelo fato de serem facilmente lembradas e deixarem impressões indeléveis.

✓ **As figuras de linguagem sintetizam uma idéia**

Elas captam e comunicam a idéia de forma concisa. Devido a seu aspecto de forte realismo, não há necessidade de uma descrição completa. Elas dizem muito em poucas palavras. A famosa metáfora “o SENHOR é o meu pastor”(Slm 23.1) transmite com brevidade muitas idéias sobre o relacionamento do senhor com os seus.

✓ **As figuras de linguagem estimulam a reflexão**

Seu brilho leva o leitor a parar e pensar. Quando se lê Salmos 52.8 – “quanto a mim, porém, sou como a oliveira verdejante, na casa de Deus ...” – você é desafiado a meditar nas semelhanças que esse símile induz na mente. O mesmo acontece em Isaías 1.8: “A filha de Sião é deixada como choça na vinha, como palhoça no pepinal, como cidade sitiada”.

¹ As Figuras de Linguagem, Zuk Roy B., pg 167, Vida Nova.

Alguns tipos de figuras de linguagem

As figuras de linguagem que encerram comparação

Muitas figuras de linguagem que encerram comparação são tiradas de elementos da natureza (chuva, água, fogo, solo, flores, árvores, animais, etc.) Já outras de utensílios humanos (cerâmicas, túmulos, vestimentas) e outras ainda referem-se às experiências do homem (nascimento, morte, guerra, música).

1. **Símile.** É uma comparação em que uma coisa lembra outra explicitamente (usando como, assim como, tal qual, tal como). Pedro usou um símle quando escreveu: "... toda carne é como a erva ..." (1Pe 1.24). As palavras do Senhor em Lucas 10.3 são um símle: "Eis que eu vos envio como cordeiros para o meio de lobos". Também existem símiles no Salmo 1.3: "Ele é como árvore plantada junto a correntes de águas" e são [...]como palha (v.4). A dificuldade dos símiles é descobrir as semelhanças entre os dois elementos. Em que aspecto o homem é como a erva? Em que sentido os discípulos de Jesus eram como cordeiros? De que forma o cristão é como uma árvore e o ímpio como palha?
2. **Metáfora.** É uma comparação em que um elemento é, imita ou representa outro (sendo que os dois são essencialmente diferentes). Numa metáfora, a comparação está implícita, ao passo que num símle é visível. Uma pista para identificar uma metáfora é que os verbos "ser" e "estar" sempre são empregados. Temos um exemplo disso em Isaías 40.6: "Toda a carne é erva". Note que essa frase difere daquela de 1 Pedro 1.24: "... toda carne é erva". (Um símle sempre traz a conjunção *como* ou outras.) O Senhor disse para Jeremias: "O meu povo tem sido ovelhas perdidas" (Jr 50.6). O Senhor comparou seus seguidores ao sal: "Vós sois o sal da terra" (Mt 5.13). Eles não eram sal de verdade; estavam sendo comparados ao sal. Quando Jesus afirmou: "Eu sou a porta" (Jo 10.7,9), "Eu sou o bom pastor" (vv.11, 14) e "Em certos aspectos, ele é como uma porta, como um pastor e como um pão. O leitor é levado a pensar de que forma Jesus assemelha-se a tais elementos.
3. **Hipocatástase.** Esta figura de linguagem, não tão conhecida, também faz uma comparação em que a semelhança é indicada diretamente. Quando Davi disse: "Cães me cercam ..." (Sl 22.16), estava referindo-se a seus inimigos, chamando-os de cães. Os falsos mestres também são chamados cães, em Filipenses 3.2, e lobos vorazes, em Atos 20.29. As diferenças entre um símle, uma metáfora e uma hipocatástase podem ser identificadas nas seguintes frases:

Símile: "Vocês, ímpios, são como cães."

Metáfora: "Vocês, ímpios, são cães."

Hipocatástase: "Seus cães."

Em João 1.29, João Batista fez uso de uma hipocatástase: "... Eis o Cordeiro de Deus ...". Se ele tivesse dito: "Jesus é como um Cordeiro", estaria usando um símle. Mas se tivesse dito: "Jesus é um Cordeiro", estaria usando uma metáfora. Quando Cristo disse a Pedro: "... Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21.17), ele chamou seus seguidores de ovelhas, usando uma hipocatástase.

O contexto precisa ser avaliado para saber o que a hipocatástase representa. Por exemplo, Jeremias disse: "...um leão subiu da sua ramada" (Jr 4.7). O contexto deixa claro que o leão refere-se à Babilônia.



Cada um dos sete versículos seguintes é um **Símile**, uma **Metáfora** ou uma **Hipocatástase**. Escreva nos espaços em branco o tipo de figura de linguagem correspondente a cada um deles.

<i>Is 53.6</i>	“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas ...”	
<i>Slm 84.11</i>	“Porque o SENHOR Deus é sol e escudo ...”	
<i>2 Pe 2.17</i>	“Esses tais são como fonte sem água, como névoa impelidas por temporal ..”	
<i>Jo 2.19</i>	“Destruí este santuário, e em três dias o reconstruirei.”	
<i>Is 57.20</i>	“Mas os perversos são como mar agitado ...”	
<i>Slm 23.1</i>	“O Senhor é meu pastor ...”	
<i>Slm 1.3</i>	“Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas ...”	



O Reino de Deus²

No início do Novo Testamento, ouvimos João, o Batista, e Jesus, ambos anunciando a vinda do reino de Deus. João Batista veio pregando no deserto da Judéia, dizendo: “*Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus*” (Mt 3.2). João exortava seus ouvintes, preparando para a vinda deste Reino, que seria inaugurado pelo Messias, designado apenas como “O que Haveria de Vir”. João viu a missão daquele que Haveria de Vir como sendo primeiramente de separação: aqueles que se arrependessem ele salvaria, e julgaria os que não se arrependessem (Mt 3.12). Quando João estava na prisão começou a refletir sobre o fato de que, embora tivesse visto a Jesus, realmente recolhendo trigo, não o vira queimando a palha. Isso levou João a enviar seus discípulos a Jesus, e a perguntar: “*És tu aquele que estava para vir, ou havemos de esperar outro?*” (Mt 11.3). Na resposta, Jesus citou profecias do VT que estavam sendo cumpridas em seu ministério; profecias acerca dos cegos recebendo sua visão e dos coxos sendo reabilitados (vs. 4,-5). Dessa forma a parte do julgamento ficaria para mais tarde – um fato que João não tinha entendido claramente.

Jesus também anunciou a vinda do Reino : “*O tempo está **cumprido** e o Reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho*” (Mc 1.15; Lc 4.21)

João foi o precursor do Reino, mas mesmo ele ficou de fora – Mt 11.11.

Podemos dizer, portanto, que Jesus mesmo inaugurou o Reino de Deus cuja vinda tinha sido predita pelos profetas do VT. Por causa disso, nós devemos ver o Reino de Deus sempre como indissolúvelmente ligado à pessoa de Jesus Cristo. Nas palavras e feitos de Jesus, milagres e parábolas, ensino e pregação, o Reino de Deus estava dinamicamente ativo e presente entre os homens.

O Reino de Deus e Reino dos céus.

O Reino de Deus e o Reino dos céus são sinônimos em seu significado. Mateus estava escrevendo primeiramente a leitores judeus, por isso sua expressão “Reino de Deus”, uma vez que os judeus evitavam o uso do nome divino. Reino dos céus e Reino de Deus são intercambiáveis nos sinóticos.

O que é o Reino de Deus ?

Jesus nunca definiu o Reino, nem mesmo os apóstolos.

A concepção mais amplamente aceita do Reino de Deus é que seu significado principal é o Governo (*domínio*) ou reino de Deus mais do que um território sobre o qual ele governe.

O Reino de Deus deve ser entendido como Reinado dinamicamente ativo de Deus na história humana através de Jesus Cristo, cujo propósito é a redenção do povo de Deus do pecado e dos poderes demoníacos, e o estabelecimento final dos novos céus e nova terra. Isto significa que o grande drama da história da salvação foi inaugurado e que a nova era foi instalada.

O Reino de Deus inclui tanto um aspecto positivo como um negativo. Ele significa redenção para aqueles que o aceitam e nele ingressam pela fé, e juízo para aqueles que o rejeitam. Jesus deixa isto muito claro em seus ensinamentos, especialmente em suas **parábolas**. Aquele que ouve as palavras de Jesus, e as pratica, é como um homem que constrói sua casa sobre a rocha, enquanto que aquele que ouve as palavras de Jesus, mas não as pratica, é semelhante ao homem que constrói sua casa sobre a areia – e grande foi a sua queda (Mt 7.24-27). Aqueles que aceitam o convite para as bodas, se regozijam e estão felizes, enquanto que aqueles que rejeitam o convite são entregues à morte, e o homem sem as vestes nupciais é lançado fora nas trevas (Mt 22.1-14). Na verdade, porque a nação de Israel, como um todo, rejeitou o Reino, Jesus disse que o Reino de Deus seria tirado deles e dado a uma nação que produzisse seus frutos (Mt 21.43). O propósito primeiro do Reino de Deus é a salvação, no sentido integral da palavra, daqueles que nele ingressam – porque “Deus não enviou seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para salvar o mundo através dele” (Jo 3.14, NVI).

Quais são os sinais da presença do Reino ?

1. **Expulsão de demônios.** Quando Jesus fez isto, mostrou que ele havia conquistado uma vitória sobre os poderes do mal e, que por causa disto, o Reino de Deus tinha chegado. (Mt 12.28)

² A Bíblia e o futuro, Hoekema, Antony A.

2. **A queda de Satanás.** (Luc 10.18). A vitória de Jesus sobre Satanás, embora decisiva, ainda não é final, uma vez que Satanás continua ativo durante o ministério subsequente de Jesus (Mc 8.33; Luc 22.3 e 31).
3. **Realização de milagres por Jesus e seus discípulos.** Na operação desses milagres era efetuada a vinda do Reino (Mt 11.4-5). Os milagres tinham função provisória, indicando a presença do Reino, mas ainda não marcando sua consumação final.
4. **A pregação do Evangelho.** Muito mais importantes que os milagres foi a salvação que ele trouxe àqueles que creram – uma salvação mediata ou seja, através da pregação do Evangelho. (Mt 11.5).
5. **A dádiva do perdão dos pecados.** Nos profetas do VT, o perdão dos pecados tinha sido predito como uma das bênçãos da era messiânica vindoura (Vejam-se Is. 33.24; Jr 31.34; Mq 7.18-20; Zc 13.1). A cura do paraplético, após Jesus ter perdoado seus pecados, foi uma prova de que "o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados" (Mc 2.10).

O Reino já veio ou ainda virá ?

Jesus ensinou claramente que o reino de Deus já estava presente em seu ministério (Mt 12.18; Lc 11.20; Luc 17.20-21).

Algumas parábolas de Jesus implicam que o Reino já está presente. As parábolas do tesouro escondido e da pérola de grande valor (Mt 13.44-46) ensina que agora o homem deve vender tudo o que possui para entrar no reino. As parábolas do construtor da torre e do rei saindo a guerrear (Lc 14.28-33) ensinam a importância de calcular o custo antes de entrar no Reino, novamente implicando que o reino está agora presente (veja também Mt 5.3-10; 18.4; 19.14).

Jesus entretanto, também ensinou que havia um sentido no qual o Reino de Deus ainda era futuro. Podemos ver, primeiramente algumas declarações específicas com esta finalidade. A seguinte passagem do sermão do monte descreve a entrada no Reino como ainda futuro e a combina com um futuro dia do juízo: *"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! **entrará** no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu pai que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! porventura não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos milagres ? Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade"* (Mt 7.21-23. Veja também: Mt 8.11-12).

Muitas das parábolas ensinam uma consumação futura do reino. A parábola das bodas indica um tempo futuro de bênçãos para aqueles que aceitam o convite, mas num lugar de punição, nas trevas exteriores para aqueles que falham em preencher todos os requisitos (Mt 22.1-14). A parábola do joio e sua explicação (Mt 13.24-30 e 36-43) falam da "consumação do século" quando os que praticam a iniquidade serão lançados na fornalha acesa e quando os justos "resplandecerão como sol, no reino de seu Pai". A parábola da rede (Mt 13.47-50) descreve, de modo semelhante, a "consumação do século", quando "sairão os anjos e separarão os maus dos justos".

Na parábola das dez virgens (Mt 25.1-13) aprendemos acerca da demora do noivo, acerca de um grito à meia-noite, e sobre algumas que entraram com o noivo para a festa das bodas e outras para quem a porta estava permanentemente cerrada. A parábola termina com uma advertência tipicamente "escatológica": "Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora" (v.13). E a parábola dos talentos (Mt 25.14-30) fala acerca de um homem que fez uma jornada e ficou fora por muito tempo, acerca de um ajuste final de contas, e acerca de alguns que foram convidados no gozo de seu Senhor e outros que foram expulsos para as trevas exteriores. Pelo que já foi citado, fica claro que o reino de Deus, no ensino de Jesus, era tanto presente como futuro. George Eldon Ladd, em seu livro "A Presença do Futuro" dá ênfase à importância de vermos estes dois aspectos: *"O Reino de Deus é o reinado redentor dinamicamente ativo de Deus para estabelecer seu governo entre os homens, e este Reino, que aparecerá no final da era como um ato apocalíptico, já entrou na história humana na pessoa e missão de Jesus para vencer o mal, para libertar os homens do poder do mal e para trazê-los para as bênçãos do reinado de Deus.. O Reino de Deus envolve dois grandes momentos: cumprimento dentro da história e consumação ao fim da história"*.

Implicações do Reino

A nível de fé e vida, do fato do reino de Deus estar presente conosco agora e estar destinado a ser revelado em sua totalidade na era por vir, podemos observar que:

1. **Somente Deus pode nos colocar no Reino.** Deus nos chama para o seu Reino (I Ts 2.12), dá-nos o Reino (Luc 12.32), traz-nos para o Reino do seu Filho (Cl 1.13), e nos confia o Reino ("E eu [Cristo] vos confio um reino, assim como meu Pai confiou um reino a mim",

Lc22.29, NVI). De passagens deste tipo aprendemos que pertencer ao Reino de Deus não é uma conquista humana mas um privilégio que nos é concedido por Deus.

2. Mas este fato não nos livra de **responsabilidade em relação ao Reino**. O Reino de Deus exige de nós arrependimento e fé. Em várias ocasiões Jesus disse que nós precisamos entrar no Reino humilhando-se a mesmo como uma criança (Mt 18.3-4), fazendo a vontade do Pai dos céus (Mt 7.21), ou tendo uma justiça que excede a dos escribas e fariseus (Mt 5.20). É difícil para um homem rico entrar no Reino de Deus (Mc10.25), presumivelmente porque ele é tentado a confiar mais em suas riquezas do que em Deus. A não ser que renasçamos ou nasçamos do Espírito, não podemos entrar no Reino de Deus (Jo 3.3 e 5). Somente Deus pode fazer alguém renascer; e dessa forma o ponto no qual a mensagem do Evangelho atinge o ouvinte é a intimação para crer: "Porque Deus amou ao mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3.16).
3. O Reino de Deus na verdade, **demandando nada menos que compromisso total**. Nós devemos, assim disse Jesus, buscar primeiro o Reino de Deus e sua justiça, confiando em que, assim fazendo, todas as outras coisas de que necessitamos nos serão dadas (Mt 6.33). Nós temos de, por assim dizer, vender tudo o que temos para adquirir o Reino (Mt 13.44-45). Para permanecer no Reino, devemos estar prontos para arrancar fora o olho que nos faz tropeçar (Mt 29) e cortar fora a mão que nos faz pecar (Mt 5.30). devemos estar dispostos a odiar, se necessário, pai, mãe, irmão, irmã, e mesmo nossas próprias vidas por amor do Reino (Luc 14.26). devemos estar prontos a renunciar a tudo o que temos para sermos discípulos de Jesus (Luc 14.33). em outras palavras, ninguém deve buscar entrar no Reino a não ser que tenha calculado minuciosamente os custos (dessa decisão) (Luc 14.28-32).
4. O Reino de Deus implica **redenção cósmica**, isto é, a renovação completa de todo o cosmos, culminando nos novos céus e nova terra. Paulo descreve as dimensões cósmicas do Reino de Deus em palavras inspiradas: "[Deus] em toda a sabedoria e prudência, desvendando-nos o mistério de sua vontade, segundo o seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto no céu como as da terra" (Ef 1.8-10; Cl 1.19-20; Rm 8.19-21).

As Parábolas - Critérios de interpretação

Os critérios de interpretação dos textos bíblicos são mais rígidos do que os usados para interpretação de um texto literário.

Embora as parábolas sejam textos da literatura hebraica, são mais do que isso e devem seguir os primeiros critérios. Para interpretar uma parábola é preciso:

- 1) comparar as várias escrituras, verificando, no conjunto da Bíblia, o valor de cada palavra. Nunca tirar a palavra seja de seu contexto remoto quanto imediato.
- 2) Procurar conhecer o valor dos termos básicos na narrativa valendo-se, para isso, de conhecimentos exteriores, como sejam: históricos (história antiga); geográficos; legislação e costumes e até mesmo, se possível, filológicos para poder determinar o valor particular do vocabulário bíblico.
- 3) Conhecer a doutrina básica ensinada no todo do livro e não concluir fora do intuito do Autor. Seguir uma linha de interpretação coerente em si mesma (Ex.: se é Calvinista, que seja do princípio ao fim).
- 4) Não confundir as eras ou os tempos históricos e manter uma postura escatológica continuada e lúcida.
- 5) Ser capaz de distinguir o uso da linguagem literal e coadjuvância esporádica de metáforas, símbolos, tipos, etc.
- 6) Tornar preeminente a grande verdade central. Destacar com clareza o ponto central do ensino aí contido: a idéia mestra que ilustra um ponto doutrinário, que dá uma orientação de conduta

ou revela acontecimentos. Para isso é preciso observar a natureza e propriedade da simbologia usada. A partir daí, derivar os outros ensinamentos, advertências e recomendações.

- 7) As parábolas não podem, em muitos casos, ser interpretadas palavra por palavra ou por detalhe; embora guardem um paralelo mais ou menos perfeito entre o suporte da estória e a verdade que ilustram, o exagero pode levar a absurdos. É, no entanto, necessário verificar detalhes e circunstâncias.
- 8) Analisar as várias partes e relacioná-las com o escopo geral, preservando a harmonia das proporções e unidade de todas as partes.

De acordo com a interpretação, a parábola pode ser dividida em três partes (basicamente):

- 1) Ocasão e escopo (o contexto total em que se insere a narrativa).
- 2) A similitude em forma de narrativa real (a história didática).
- 3) A lição moral, religiosa, tecnológica e escatológica (sentido místico).

Aquilo que é mais objetivo e claro na parábola é a semelhança ou a narrativa literal que serve de suporte às outras partes.

A ocasião e o escopo nem sempre são fáceis de determinar. Haja vista às narrativas diferenciadas de Mateus e Lucas e mais outros fatores circunstanciais.

Da mesma forma, o sentido interno que é , na maior parte das vezes, deixado para o leitor ou ouvinte concluir, não é fácil de encontrar e resulta em grandes distorções de interpretação, pois é aí que está o “mistério” a ser desvendado. Para nos ensinar como interpretar parábolas, Cristo nos deixou alguns exemplos que serão lembrados no seu tempo próprio.

Embora não se firme doutrina a partir de parábolas, elas nunca podem negar ou se opor ao teor doutrinário da Bíblia. Caso isso aconteça, é necessário reformular a interpretação dada, pois ela está errada. A Bíblia, sendo palavra de Deus, é perfeita e absolutamente harmônica no seu todo.

Zélia Fávero M, Entendendo as parábolas de Jesus, pgs. 15-16.

Encontrando nosso caminho através das parábolas

Há alguns princípios importantes que precisam guiar-nos se quisermos descobrir os tesouros das parábolas.

A falta de conhecer e observar a pauta natural que governa a interpretação do tipo especial de literatura ao qual as histórias de Jesus pertencem produzirá confusão antes que iluminação.

Um exemplo clássico de como não fazer é visto no tratamento de Agostinho da parábola do Bom Samaritano. Ignorando o indício contextual, o grande norte-africano alegorizou a simples história de Jesus numa história da humanidade. O homem derrubado por ladrões (Satanás e seus anjos) era Adão que tinha, em rebelião, saído de Jerusalém (a cidade celestial) e partido para Jericó (mortalidade). Satanás tinha-o despido (de sua imortalidade) e deixado semimorto (espiritualmente, mas não fisicamente). O sacerdote e o levita (sacerdócio e ministério do Velho Testamento) que passaram foram incapazes de salvar o homem e ele foi deixado para o samaritano (o Senhor) atar suas feridas (coibir o pecado), derramar óleo (esperança) e vinho (fervor). A estalagem é a igreja, o estalajadeiro é Paulo, e os dois dinheiros são ou os dois maiores mandamentos, ou os dois "sacramentos". Nenhum comentário sobre tão evidente excesso é necessário.

As parábolas de Jesus devem ser abordadas naturalmente, tomando cuidado para não desencaminhá-las de seu simples propósito. Elas são histórias ilustrativas geralmente concebidas para ter três partes básicas: (1)Uma ocasião histórica que produziu a parábola. (2)A história ou

narrativa.(3)E a lição principal a ser extraída dessa história. Com isto em mente, olhemos para certas regras importantes a seguir na busca das mensagens individuais das parábolas.

1. Estude a parábola em seu contexto histórico para determinar por que foi contada.

Todas as parábolas foram primeiro contadas a uma determinada audiência numa ocasião específica. Por exemplo, a história do Bom Samaritano foi ocasionada pela queixa de certo advogado a Jesus, que era difícil amar seu próximo quando não podia imaginar quem ele era (Lucas 10:25-30), e as três maravilhosas parábolas sobre as coisas perdidas em Lucas 15 foram uma resposta aos ataques feitos contra Jesus pela "má companhia" que ele estava mantendo (versículos 1-2). As vezes esta informação de pano de fundo está faltando e o significado de uma determinada parábola precisa ser buscado na informação mais ampla dos Evangelhos, mas, quando presentes, as circunstâncias nas quais uma parábola foi contada nos dão uma indicação mais certa quanto ao propósito do Senhor para sua história. O contexto precisa sempre governar o texto.

2. Procure a verdade principal que a parábola pretende ensinar.

Muitas parábolas pretendem desenvolver apenas um ponto, e não ser um veículo para todo o esquema da redenção. Lições secundárias podem muitas vezes ser legitimamente extraídas de uma parábola, mas isto deve ser feito com cuidado e somente depois que a mensagem principal tiver sido determinada.

3. Não se perca nos pormenores da parábola.

Os pormenores de uma parábola às vezes podem ter significado, mas na maioria das vezes eles não contêm nenhum significado oculto e são simplesmente designados a preencher a história. O bezerro cevado, música e dança, anel de ouro, sapatos e vestes da história do filho pródigo não são simbólicos de nada, mas simplesmente refletem, em termos significativos para o tempo, a alegria do pai pela volta de seu filho. Uma boa regra é não dar nenhum significado figurativo a minúcias, a menos que o contexto o autorize.

4. Não tente estabelecer uma posição doutrinária somente por uma parábola.

Há muito que é esclarecido para nós pelas parábolas de Jesus, mas precisam sempre ser entendidas à luz dos ensinamentos claros da Escritura, nunca em contradição com ela. Estas ilustrações são mais destinadas a serem janelas do que pedras de fundação. Elas não declaram tanto uma doutrina quanto ilustram uma faceta significativa dela.

5. Finalmente, e mais importante, procure sempre uma aplicação pessoal de cada parábola.

Depois de ter determinado a lição, ou as lições corretas da parábola sendo estudada, a pergunta mais importante é: "Encontrei a mim mesmo nesta parábola?" "Quais mudanças em minha vida e meus pensamentos esta parábola exige de mim?" Não há nada tão trágico como um estudo dos ensinamentos de Jesus que não é conduzido por mais do que uma curiosidade intelectual, a menos que seja o estudo de algum pregador que sente a necessidade "profissional" de pregar um sermão a outros sem um único pensamento de fazer qualquer aplicação a si mesmo. É imperativo, em nosso estudo das parábolas, que cada um continuamente pergunte, "Senhor, o que há aqui para mim?" Deste modo somente encontraremos os ouvidos de ouvir para os quais nosso Senhor apelou quando pela primeira vez ele ensinou por parábolas (Marcos 4:9, 23).

- Por Paul Earnhart - <http://www.estudosdabiblia.net/1999434.htm>

[Visite o site:](http://geocities.yahoo.com.br/textosgna/Parabolas/)

<http://geocities.yahoo.com.br/textosgna/Parabolas/>